

O Psíquico e o Social numa Perspectiva Metapsicológica: O Conceito de Identificação em Freud

Veridiana Canezin Guimarães¹
Luiz Augusto M. Celes
Universidade de Brasília

RESUMO – Neste artigo, o conceito metapsicológico de identificação é simultaneamente apreendido como sustentação dos mecanismos de inserção do sujeito no grupo – na cultura – e como fator fundamental para a superação do conflito edipiano, bem como para a compreensão da constituição do eu. Sugere-se que a identificação permite compreender o psíquico e o social como instâncias do sujeito e que, por isso, não devem ser pensadas isoladamente. Isso também indica o estatuto metapsicológico que o social adquire na teoria psicanalítica freudiana. Toma-se como material principal das análises empreendidas, o ensaio de Freud de 1921 intitulado *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*.

Palavras-chave: identificação; psicanálise; metapsicologia.

Psychic and Social Factors from a Metapsychological Perspective: The Concept of Identification in Freud

ABSTRACT – In this article, the metapsychological concept of identification is simultaneously understood as the basis for the mechanisms of the individual's insertion in social groups – in a cultural context – as well as a key factor in the overcoming of the Oedipus conflict and the comprehension of the constitution of the self. It is suggested that the concept of identification enables us to understand psychic and social factors as elements in the constitution of the individual which, therefore, should not be considered separately. This also indicates the metapsychological character that the social factor acquires in Freud's psychoanalytical theory. The main source for the current analysis is the 1921 essay by Freud entitled *Group Psychology and the Analysis of the Ego*.

Key words: identification; psychoanalysis; metapsychology.

O objetivo deste artigo é apresentar algumas elaborações freudianas acerca do conceito de identificação buscando compreender o processo de constituição do sujeito numa perspectiva em que se entrelaçam elementos psíquicos e sociais. De uma maneira geral, o princípio teórico que sustenta a presente reflexão refere-se à idéia de que não há possibilidade de conceber a subjetividade humana desligada da sociedade na qual ela se constitui, contrariamente ao suposto pelas concepções individualistas da sociedade (como expressam, por exemplo, Dumont, 1985; Elias, 1994; Lukes, 1973).

Em 1921, Freud (1921/1976) publicou *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, um ensaio extremamente fecundo em que busca problematizar os motivos pelos quais os indivíduos combinam-se organicamente em uma unidade grupal. Essa temática também é discutida em outros textos do autor, como no ensaio *O Mal-estar da Civilização* (Freud, 1930/1976), no qual se evidencia a contribuição freudiana acerca dos mecanismos que constituem o processo grupal. Em *Totem e Tabu* (1913/1976), e no ensaio *O Futuro de uma Ilusão*, Freud (1927/1976) também se deteve nas questões que envolviam o destino do homem na cultura, na sociedade, explorando as origens da religião e da moralidade.

Nesse cenário, o conceito de identificação aparece como categoria central de análise e revela-se como um movimento

decisivo no processo de socialização do homem, no que diz respeito à inserção essencial do sujeito na sociedade.

Freud (1921/1976) parte do pressuposto de que há um processo psíquico responsável pelas formações grupais. Em suas digressões, aponta que diversos pensadores da psicologia social, até então, chegaram a apresentar importantes contribuições acerca da especificidade de um grupo, suas características e diferenças em relação ao indivíduo tomado isoladamente. No entanto, Freud encontrou lacunas teóricas quando buscou apreender as causas ou fatores que produzem a formação grupal e as suas implicações na vida psíquica.

Tomando como referência os estudos de Gustave Le Bon e William Mc Dugall, Freud (1921/1976) considera que esses estudiosos procuraram explicar a incorporação de um indivíduo no grupo tendo por base o processo da sugestionabilidade. E, assim sendo, o fenômeno grupal foi compreendido como protótipo da situação hipnótica. Para esses autores, a questão principal seria que, pela sugestionabilidade, o indivíduo em um determinado grupo passa a funcionar a partir de uma lógica específica, distinta daquela em que se encontrava em situações de isolamento ou quando agia individualmente. De fato, as modificações psicológicas do indivíduo no grupo apontadas por Le Bon e Mc Dugall são consideradas por Freud importantes sinais de formações grupais. Entretanto, ao problematizar a função da sugestão, Freud compreende que o ponto fundamental para a formação dos grupos não estava então elucidado, pois para ele a explicação psicológica dessa alteração psíquica não estaria no

1 Endereço: SQN 107 Bloco E apt. 308, Brasília, DF, Brasil 70743-050.
E-mail: verieg@hotmail.com

fenômeno da sugestão. As lacunas teóricas na formulação dos referidos autores aparecem quando Freud indaga qual seria a fonte dessa sugestionabilidade. Se ocorre algo semelhante a uma situação hipnótica, quem substitui o hipnotizador no caso do grupo? Na verdade, para Freud, os autores indicaram a sugestão ou o contágio emocional como constitutivos dos fenômenos grupais, entretanto, “*era necessário protestar contra a opinião de que a própria sugestão, que explicava tudo, era isenta de explicação*” (Freud, 1921/1976, p. 114).

Freud, então, parte do pressuposto de que o indivíduo é inevitavelmente influenciado pelo grupo, ou que a vida grupal produz alterações na vida psíquica. Essas alterações expressam-se permeadas de sintomas como, por exemplo, a intensificação da emoção e a redução da capacidade intelectual. Também, na dinâmica grupal, verificam-se quadros de regressão da atividade psíquica a um estágio anterior, como se pode observar em crianças. Qual é, porém, a explicação psicológica dessa alteração mental? O que leva o indivíduo no grupo a apresentar características como a diminuição da capacidade intelectual, a falta de independência, a semelhança das reações, a falta de controle emocional, a valorização das emoções, das ações? São perguntas para as quais Freud se dedica a buscar respostas no ensaio de 1921.

Cabe assinalar que para Freud (1921/1976) a relação grupal, ou a condição de um indivíduo se vincular a um grupo, não encontra explicação na existência do instinto social. Ele descarta a idéia de que uma pulsão social primária seria responsável pela constituição de grupos. Na verdade, no mesmo ensaio esclarece, de maneira consistente, os mecanismos pelos quais o homem se encontra em situação grupal, rejeitando qualquer explicação de cunho natural. Nesse sentido, Freud dedica-se a investigar a influência do grupo na vida mental do sujeito, ou seja, a importância do grupo na constituição psíquica, bem como a natureza da alteração mental que o grupo força no indivíduo.

Diante do que considerava lacunas explicativas do fenômeno das formações grupais pela via da sugestão, Freud desenvolve, por meio do conceito de libido, esclarecimentos sobre a psicologia de grupo. Considera, assim, que:

Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra “amor”. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso – que, em qualquer caso, tem sua parte no nome “amor” –, por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a idéias abstratas (Freud, 1921/1976, p. 115).

O autor analisa que as relações amorosas, os laços emocionais, constituem a essência da mente grupal. Considera que um grupo se mantém unido “*por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros?*” (Freud, 1921/1976, p. 117). De fato, os autores referidos da psicologia de grupo não cogitam

essa especificidade, até porque haveria algo mais enfático para eles na formação grupal: a sugestão. Pode-se dizer que a importância de Eros fica camuflada, oculta na idéia de sugestionabilidade.

Para abordar as questões postas acima, Freud lança mão e aprimora o conceito de identificação apontando três casos referentes à esse processo. A primeira forma de identificação refere-se à identificação primária, que desempenha uma função na pré-história do complexo edípiano. Nesse momento, o menino “*toma o pai como seu ideal*” (Freud, 1921/1976, p. 133), quer ser o pai. Essa atitude, segundo o autor, é tipicamente masculina e ajuda a preparar o menino para o complexo de Édipo. A segunda forma de identificação é compreendida tal como ocorre na neurose, como processo de formação dos sintomas. No ensaio de 1921, Freud discorre a respeito do caso de uma menina que desenvolve o mesmo sintoma que a mãe – uma tosse atormentadora. Essa identificação pode advir do complexo de Édipo, que significa o desejo hostil da menina em tomar o lugar da mãe, já que o pai é o objeto de desejo. O sintoma, nesse caso, representa o amor pelo pai e, sob a influência do sentimento de culpa, o desejo de assumir o lugar da mãe é atendido – a tosse aterrorizante. Por outro lado, o sintoma pode ser o mesmo que o da pessoa amada. Freud, nesse mesmo ensaio, retoma o sintoma de Dora (caso publicado em 1905) – a imitação da tosse do pai, como ilustração dessa identificação. Nesse caso, pode-se afirmar “*que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação*” (Freud, 1921/1976, p. 135). Nesse sentido, essas identificações destinam-se a internalizar um só traço do objeto, por meio do processo de regressão. O terceiro caso de identificação é particularmente interessante, segundo Freud, uma vez que essa identificação não contempla uma relação de objeto com a pessoa que está sendo imitada, não há investimento libidinal. O autor apresenta como exemplo o caso de uma moça de um internato que recebeu de alguém de quem está apaixonada uma carta que lhe provocou crises de histeria. Algumas de suas amigas também desenvolveram a crise por meio de uma infecção mental. Nesse caso, o mecanismo da identificação baseia-se no desejo de colocar-se na mesma situação; as moças também gostariam de ter um caso amoroso.

Com essas três modalidades de identificação é possível registrar que a identificação, além de ser uma “*forma original de laço emocional com um objeto*” (Freud, 1921/1976, p. 135), se apresenta, regressivamente, “*como sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal*” (p. 135) mediante a introjeção do objeto no ego, como também pode “*surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto [da pulsão] sexual*” (p. 136).

A terceira modalidade de identificação desperta maior interesse de Freud, justamente por ser ela a responsável pela formação de coletividades, por ligar entre si os membros de um grupo. Florence (1994) sugere que essa modalidade

pode nascer a cada vez que é percebido um ponto em comum com uma pessoa que não é objeto sexual, e quanto mais essa comunhão é significativa, mais essa identificação parcial pode

criar novos laços sociais (a relação com o chefe, a simpatia e toda forma de compreensão, mesmo intelectual) (p. 136).

A hipótese central que Freud formula no ensaio *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* é a de que a formação dos grupos encontra justificativa mediante o processo de identificação que ocorre no seu interior.

Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é de natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder (Freud, 1921/1976, p. 136).

O membro de um grupo identifica-se com o líder e, em um segundo momento, com os outros membros do grupo. Essa dinâmica é possível à medida que se renuncia ao seu ideal de ego² – uma das dimensões do superego, responsável pelo processo de idealização – em favor de um líder. Os membros de um grupo substituem seu ideal de ego por um mesmo objeto, o líder. O que permite a coesão é a identificação recíproca entre os diferentes egos. “*Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego*” (Freud, 1921/1976, p. 147).

A relação com o líder e com os demais membros do grupo é de natureza libidinal, ou seja, cada indivíduo está libidinalmente ligado ao líder e aos outros indivíduos do grupo. No entanto, é precisamente a inibição ou a dessexualização desses impulsos sexuais que torna efetivo os laços entre as pessoas. Como a civilização tende a reunir indivíduos em grupos cada vez maiores, deve-se conceder especial atenção à qualidade desses vínculos, uma vez que “*para que esses objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma restrição à vida sexual*” (Freud, 1930/1976, p. 130).

Com a limitação do narcisismo no grupo, a vontade do grupo prevalece sobre as individuais, e a instauração do líder como ideal de ego faz com que cada membro do grupo sacrifique suas pretensões narcisistas sob a eminência de ter a proteção do pai – a figura do líder ideal. Assim, para Freud (1921/1976), a Igreja, como um grupo altamente organizado, tem Cristo como seu líder proeminente, que deve amar a todos os seus filhos com a mesma intensidade. A unidade do grupo ocorre, por assim dizer, em nome desse amor, como vínculos dessexualizados com a finalidade de manter a coletividade, a comunidade de crenças.

Um processo observado nos grupos, com intuito de manter a coesão grupal, refere-se ao movimento de reprimir o ódio no interior do grupo e encaminhá-lo para aqueles que não pertencem à coletividade. A esse fenômeno Freud (1930/1976) chamou de narcisismo das pequenas diferenças, que subentende uma não-aceitação da diferença e, conse-

qüentemente, uma intolerância às relações pessoais que ultrapassam o círculo grupal. Assim, a tarefa direciona-se para eliminar as diferenças no interior do grupo, supervalorizando uma identidade coletiva e reconhecendo a diferença somente no que lhe é externo.

Nota-se que a identificação “*tem o poder de limitar a agressividade contra as pessoas com as quais alguém se identificou*” (Florence, 1994, p. 137), no entanto, há que se lembrar que o outro – que não pertence ao grupo – continua a ser o escoadouro dessa agressividade. Nas palavras de Freud (1930/1976), “*é sempre possível unir um considerado número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade*” (p. 136).

Na perspectiva freudiana, a internalização do superego constitui um processo decisivo na constituição psíquica da criança, e o mecanismo responsável por esse acontecimento denomina-se identificação, procedimento pelo qual o sujeito se constitui e modifica-se pela assimilação de traços ou atributos das pessoas com as quais se relaciona. Freud (1933/1976) compara a identificação com a incorporação oral de um outro sujeito. A ação de identificação com um objeto é equivalente, nessa perspectiva, a uma ação canibalística. Identificar-se com um objeto é devorar o objeto, colocá-lo dentro de si. Originariamente, a identificação representa a introjeção dos primeiros objetos da pulsão sexual, os pais.

É necessário estabelecer a distinção entre a identificação e a escolha objetual e a dependência mútua desses processos. No complexo de Édipo, a criança encontra duas possibilidades – ativa e passiva – de satisfação pulsional, uma direcionada a colocar-se no lugar do pai e ter a mãe como objeto sexual, e outra que se refere a tomar o lugar da mãe. Quando o menino se identifica com o pai, pode-se dizer que ele quer “*ser igual ao seu pai, se fizer dele o objeto de sua escolha, o menino quer tê-lo, possuí-lo*” (Freud, 1933/1976, p. 82). De qualquer maneira, pode acontecer também uma identificação com uma pessoa que foi tomada como objeto sexual. “*Se alguém perdeu um objeto, ou foi obrigado a se desfazer dele, muitas vezes se compensa disto identificando-se com ele e restabelecendo-o novamente no ego, de modo que, aqui, a escolha objetual regride, por assim dizer à identificação*” (Freud, 1933/1976, p. 82).

Nesse sentido, pode-se dizer que a identificação é um processo indispensável para a constituição do humano, ou seja, é por intermédio da identificação que a relação com o outro efetiva-se em busca de individuação e de socialização. Entrelaçado a esse conceito, cabe ressaltar também a importância do objeto da pulsão e da satisfação pulsional na constituição da subjetividade.

No ensaio *Além do princípio do prazer* (1920/1976), Freud apresenta o jogo do *Fort-Da* como representação desse momento de socialização da criança, de simbolização. A brincadeira era realizada quando a mãe de uma criança de 1 ano e meio se ausentava e consistia na atividade de atirar para longe um carretel atado em um cordão e, em seguida apanhá-lo. À medida que a criança se distanciava do carretel, ela emitia um ó prolongado, reconhecido como *Fort*, que tem o significado aproximado de *ir embora*, e no momento de retorno do carretel, exclamava *Da, ali*. Essa brincadeira representava simbolicamente a saída e o retorno da mãe, de

2 Ideal de ego é uma função atribuída ao superego, “*é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribua*” (Freud, 1933/1976, p. 84).

maneira que a criança podia se posicionar como senhora da situação. De fato, a exigência assentida era a da renúncia pulsional, pois a criança renunciava à satisfação de ter a presença da mãe a qualquer momento. Assim, no jogo, a criança apropriava-se de forma ativa do sofrimento que sentia com a ausência materna, mediante a simbolização dessa ausência. Nas palavras de Freud (1920/1976),

a interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance (p. 26).

O fato relevante aí, descoberto por Freud, é que a criança repetiu reiteradamente a experiência desagradável de afastamento da mãe justamente para dominar o desprazer que sentia com a sua ausência. Esse acontecimento indica que algo está implicado no processo além do princípio do prazer – a pulsão de morte. Dessa forma, no jogo, estava presente a identificação, como corolário da renúncia pulsional, isso é, como substituto do prazer pulsional e, além disso, a pulsão de morte, expresso na repetição.

Cabe ressaltar que a característica bissexual que Freud (1923/1976) encontra nos indivíduos retira a possibilidade de uma determinação clara acerca dessas primeiras identificações e escolhas de objeto. A atitude ambivalente presente nas identificações indica a importância da bissexualidade nos destinos do complexo de Édipo. O menino que escolhe a mãe como objeto sexual e tem o pai como modelo, não se restringe a esse esquema de investimento. O menino também pode comportar-se como uma menina e direcionar sua hostilidade para a mãe, já que em relação ao pai, a atitude é afetuosa. A identificação paterna e a materna são constitutivas do superego, e o elemento distintivo situa-se na preponderância no indivíduo de uma ou outra disposição sexual. Nesse sentido, Freud (1923/1976) salienta que o superego não é apenas um resíduo dos primeiros investimentos do id nas figuras parentais; “*ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas*” (p. 49). O superego, herdeiro do complexo de Édipo, vicissitude das identificações edípicas, diz para o ego o que ele *deve ser* mas também o que ele *não deve ser*. Se o objetivo do superego é reprimir os conteúdos do complexo de Édipo, essa tendência reafirma mais uma vez a importância da ambivalência na formação subjetiva.

De acordo com Freud (1923/1976),

o amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego (p. 49).

As inclinações sexuais em direção às figuras parentais não são realizadas em virtude do medo da castração, que

sinaliza a identificação como a saída do Édipo, como representação da renúncia das satisfações que a criança teve que fazer. As tendências libidinais são dessexualizadas pela identificação, que toma o lugar da escolha objetual. Nesse sentido, a identificação nomeia um processo pelo qual parte do mundo externo foi abandonado como objeto e incluído no ego, tornando-se parte do mundo interno. O superego, nesse sentido, constitui o herdeiro dessa vinculação afetiva tão importante na infância, que é a relação entre pais e filhos.

Mezan (1998) assinala:

Direi apenas que talvez o ponto de intersecção entre o social e o psíquico não passa necessariamente pelo superego, ou apenas pelo superego; ele pode residir também nas identificações que organizam o ego; caso em que o social não apareceria somente como instância repressora de uma suposta espontaneidade pulsional, mas sobretudo como organizador da própria subjetividade, através da oferta de modelos identificatórios tanto para o ego como para o ideal do ego (p. 83).

É também pertinente esclarecer que, à medida que há um investimento como força de ligação libidinal, dá-se a emergência de um vínculo com a realidade. Segundo Florence (1994), a identificação constitui o processo que “*vem a seguir de um investimento de objeto, ela permite conservar em outra cena a relação abandonada: o eu, metamorfoseado conforme o objeto abandonado, oferece-se ao isso como objeto substitutivo*” (p. 139). Essa dinâmica pontua que os objetos *concretos* da realidade externa passam a ser realidade psíquica na vida do sujeito.

O investimento libidinal em objetos indica a relação do sujeito com o outro, que *em um primeiro momento* pode ser compreendido como uma realidade externa, ou seja, o enfrentamento que o sujeito realiza em busca de socialização dá-se com os objetos que existem *fora* do corpo pulsional. Nesse sentido, Mezan (1990) diz que a identificação é uma “*operação de abertura à realidade externa, constituída por fatores estranhos à vida puramente pulsional do indivíduo*” (p. 456). Vale ressaltar que esse apontamento não se justifica na oposição entre realidade externa e realidade interna, até porque, para a psicanálise, esses conceitos não se excluem, mas se relacionam mutuamente. Quando Freud (1913/1976) afirma que “*o que caracteriza os neuróticos é preferirem a realidade psíquica à concreta, reagindo tão seriamente a pensamentos como as pessoas normais às realidades*” (p. 189), ele não desconsidera a realidade material, apenas privilegia a realidade psíquica na formação do sintoma neurótico.

É interessante ressaltar que a natureza da identificação na psicologia de grupos também assegura a consistência desse mesmo processo na psicologia individual, ou seja, no reconhecimento da identificação como a mais remota expressão de um *laço emocional* com outra pessoa e que, singularmente, desempenha um papel fundamental para a superação do conflito edípico. A identificação que mantém a coesão grupal é o mesmo processo pelo qual o ego constitui-se.

O enunciado de Freud (1921/1976) de que a psicologia individual é ao mesmo tempo, e desde o início, psicologia social é determinante para compreender a intrincada relação

entre o homem, sua dinâmica pulsional e as relações sociais que estabelece. Roudinesco e Plon (1998) cita oportunamente um trecho da carta de Freud a Romain Rolland, datada de 04 de março de 1923, em que Freud esclarece o alcance do seu ensaio de 1921: “*Não que eu considere esse texto particularmente bem-sucedido, mas ele aponta o caminho que vai da análise do indivíduo para a compreensão da sociedade*” (Freud, citado por Roudinesco & Plon, 1998, p. 613).

A atitude de Freud de rejeitar a oposição entre psicologia individual e psicologia de grupo tem o objetivo de assinalar que o outro é sempre efetivo e presente na constituição psíquica do homem; o outro está o tempo todo implicado na formação subjetiva, seja como um modelo, um objeto ou um inimigo.

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais [pulsionais]; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (Freud, 1921/1976, p. 91).

Dessa forma, a possibilidade de conceber o psíquico está inexoravelmente atrelada à questão do outro, do grupo ou da cultura³. Freud considera toda relação do sujeito com o outro, um fenômeno de caráter social. A identificação, por sua vez, revela o quanto o outro é onipresente na experiência subjetiva, o quanto a apropriação de um elemento que provém do outro tem ressonâncias na subjetividade. Nessa perspectiva, o campo de emergência do sujeito está no registro do outro, da cultura, condição que faz Freud não ver oposição entre psicologia individual e psicologia social.

É interessante destacar que o conceito de identificação simultaneamente se apreende como sustentação dos mecanismos de inserção do sujeito no grupo – na cultura – e como o fator fundamental para a superação do conflito edípiano

e, até mesmo, da constituição do eu. Tanto a identificação como o superego, processo e instância que dificilmente são concebidos isoladamente, constituem construções metapsicológicas que buscam dar conta da relação entre sujeito e sociedade, que, no limite, é o que funda o humano. O psíquico e o social aparecem como instâncias constitutivas do sujeito que não são pensadas isoladamente.

A partir da análise do ensaio de 1921, percebe-se que a maneira como Freud (1921/1976) compreende as relações entre homem e sociedade, entre sujeito e grupo é fundamentada em conceitos basilares da psicanálise, como o de identificação, o superego, entre outros. A construção de uma reflexão teórica metapsicológica visa esclarecer o processo de subjetivação, o modo como o sujeito é constituído singularmente. Em sua origem, a teoria psicanalítica refere-se a uma metapsicológica do tratamento, quando focaliza o que acontece na relação de um sujeito com o outro. Desde, portanto, suas primeiras compreensões de estruturação subjetiva, acontecidas a partir do tratamento psicanalítico, buscou-se a apreensão da fala em análise do analisando com o analista, e essa dinâmica impôs a consideração do sujeito diante de outro, e o que o um e o outro carregam de seu mundo social e cultural, além da própria relação analítica. Dessa forma, a psicanálise, como Freud a concebeu, posiciona necessariamente o sujeito na cultura.

Nesse sentido, a metapsicologia, isso é, a teoria psicanalítica, em seu sentido mais rigoroso, constitui-se, desde seu lugar mais singular de investigação do psiquismo – o tratamento psicanalítico propriamente dito –, como uma compreensão do homem na cultura. O que significa que as apreensões dinâmicas, econômicas e estruturais do psiquismo desde já o tomam fora de sua suposta interioridade. O psiquismo, por definição psicanalítica, constitui-se na relação com o outro, este último sempre culturalmente determinado ou representante da cultura. Então, também impõe-se pensar que as considerações psicanalíticas a respeito da cultura no psiquismo se oferecem na forma da metapsicologia, isso é, dos conceitos e elaborações metapsicológicas. O que significa dizer que Freud pensa a cultura, a sociedade e a civilização numa perspectiva psicanalítica e não sociológica ou antropológica. A análise dos chamados textos culturais de Freud, como a do ensaio *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, também aponta, assim, para a “natureza” metapsicológica de sua compreensão “sociológica”.

A análise que Freud (1921/1976) realiza em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* revela o comprometimento do autor em pensar as intrincadas relações do homem com a civilização. Compreender o conceito de identificação como mediação entre o psíquico e o social é atualizar a idéia de que a única possibilidade humana de subjetivação encontra-se na cultura, e que a psicanálise continua a ser um instrumento teórico e prático relevante para elucidar os mecanismos que constituem a subjetividade, os impasses e destinos do homem em sociedade.

Referências

Dumont, L. (1985). *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.

3 No artigo de 1921, Freud concebe o social eminentemente como alteridade (o outro, o grupo, a cultura). Cabe destacar aqui uma citação de Mezan (1990) “*Observemos de que modo é concebida a psicologia social. Não se trata de estudar o ‘espírito coletivo’ nem a ‘alma dos povos’, como na tradição da Volkpsychologie acadêmica, mas de mostrar que, para o indivíduo, as relações com os demais são determinantes para a ‘satisfação de suas pulsões’. É desse ponto de vista que o ‘outro’ aparece em quatro posições possíveis: ou é objeto da pulsão, ou um meio de obter esse objeto, ou um obstáculo que se interpõe entre este e o sujeito, ou finalmente, um modelo para o sujeito. Veremos mais adiante por que a socialidade é necessariamente reduzida, por Freud, à alteridade; aqui é mais relevante discutir uma ruptura entre essas formas em que o ‘outro’ é integrado na economia psíquica individual.*” (p. 455).

- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Florence, J. (1994). As identificações. Em Mannoni, M. & cols. (Orgs.), *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica* (pp. 115-146). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Freud, S. (1976). Totem e tabu (J. Salomão, Trad.). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1976). Além do princípio de prazer (J. Salomão, Trad.). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1976). Psicologia de grupo e análise do ego (J. Salomão, Trad.). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1976). O ego e o id (J. Salomão, Trad.). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1976). O futuro de uma ilusão (J. Salomão, Trad.). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1976). O mal-estar na civilização (J. Salomão, Trad.). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1976). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (J. Salomão, Trad.). Em *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Lukes, S. (1973). *Individualism*. New York: Harper Torchbooks.
- Mezan, R. (1990). *Freud, o pensador da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Mezan, R. (1998). *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das letras
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Recebido em 12.09.2006
Primeira decisão editorial em 27.12.2006
Versão final em 13.08.2007
Aceito em 27.08.2007 ■